

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXVIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1989

MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES

Assistente estagiária da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

SIGILLATA DE MONTANS NO MONTE DA CEGONHA (VIDIGUEIRA)
«Conimbriga», XXVIII (1989), p. 223-228

RESUMO: O achado de *sigillata* sudgálica de Montans, na escavação da Cegonha, Selmes — Vidigueira (Beja), coloca algumas interrogações importantes no que se refere à difusão destes produtos, bem como à sua identificação com base nas características da pasta e do verniz.

A partir dos achados nos sítios arqueológicos de Portugal, tenta-se determinar a forma como as *sigillatas* de Montans chegaram à Lusitânia meridional, região tradicionalmente excluída da área de difusão destes produtos.

RÉSUMÉ: Les sigillées sud-galiques de Montans trouvées dans la fouille de Cegonha, Selmes—Vidigueira (Beja), nous permettent de poser des questions importantes, soit au niveau de la diffusion de ces produits soit au niveau des caractéristiques de la pâte et du vernis.

À partir des trouvailles dans les sites archéologiques du Portugal on essaie de savoir comment ces produits sont arrivés jusqu'à la Lusitanie méridionale.

(Página deixada propositadamente em branco)

SIGILLATA DE MONTANS NO MONTE DA CEGONHA (VIDIGUEIRA)

Desde 1985 temos dirigido, de colaboração com R. Alfenim, os trabalhos arqueológicos na *villa* romana do Monte da Cegonha — Selmes — Vidigueira (¹). O espólio arqueológico recolhido (cerâmica, vidro, metais, etc.), as estruturas arquitectónicas já postas a descoberto e o longo período de ocupação do local (²) fundamentam a importância que atribuímos a esta estação arqueológica. Até ao momento, na região de Beja, nenhuma outra estação revelou tão longo e contínuo horizonte cronológico-cultural.

Embora, por razões de ordem científica, sejamos contra a publicação de parcelas do espólio de uma estação (porque, qualquer que seja o material, este vê a sua importância e dimensão reduzidas quando separado do conjunto em que se insere), decidimos noticiar o achado de *terra sigillata* sudgálica de Montans no Monte da Cegonha. Pretendemos, com esta nota, tão somente chamar a atenção para a presença destas produções em Portugal e motivar a publicação, por outros arqueólogos, de peças de idêntica proveniência de que eventualmente tenham conhecimento.

A *terra sigillata* de Montans é praticamente desconhecida nas estações romanas de Portugal. Exceptuando Conimbriga, onde se identificaram apenas duas marcas (³) e, ainda assim, a segunda sem leitura definitiva, e Represas — Beja, onde Nunes Ribeiro recolheu à superfície um vaso de paredes finas de fabrico mon-

¹) Carta Militar 1/25000 n.º 500. Serviços Cartográficos do Exército. Lisboa, 1944.

²) *Grosso modo* desde o séc. I d. C. ao séc. XII/XIII.

³) M. DELGADO, F. MAYET, A. MOUTINHO ALARCÃO, *Fouilles de Conimbriga — IV: Les Sigillées*, Paris, 1975, p. 113, n.º 253; p.115, n.º 264.

tañes (4) e onde Dias Diogo julgou poder identificar três marcas de *sigillata* da mesma proveniência (5), não se conhecem até ao momento outras referências bibliográficas relativas a estas produções.

A raridade da *sigillata* de Montans (6) em Portugal facilmente se justifica se atendermos ao facto de que esse centro exportava as suas produções fundamentalmente para o Oeste da Gália, sobretudo para a Aquitânia. A Península Ibérica estaria fora da zona de influência dos *negotiatores* das cerâmicas de Montans (excepção para o Nordeste peninsular, que recebeu com alguma frequência *sigillata* aí produzida, veja-se mapa de difusão (7) fig. 1); a presença de *sigillata* de Montans no extremo ocidental da Península Ibérica seria, antes de mais, fruto de um acaso.

Não devemos, contudo, excluir a hipótese de que o desconhecimento destas cerâmicas em Portugal se deva também e, em grande parte, à sua deficiente identificação. Algumas peças de Montans apresentam uma coloração de pasta e verniz indiferenciável da produção de La Graufesenque ; «la pâte de La Graufesenque est fine, dure de couleur beige-rosé, avec des fines particules de calcaire blanc. La couverture est rouge corail, semi vitrifiée, très adhérente» (8). As peças de pasta clara, bege-rosada, mais correntes em Montans (9), podem ainda ser confundidas com produções itálicas

(4) F. Nunes RIBEIRO, «Um vaso de paredes finas com decoração mista», in *Arquivo de Beja*, XXII, 1965, p. 203-210.

(5) A. M. Dias DIOGO, «Algumas notas sobre a «terra sigillata» em território português», in *Pyrenae*, 21, 1985 (X Symposium de Prehistoria y Arqueologia Peninsular, II Reunió d'Economia Antiga de la Península Ibérica, Barcelona 20-22 mars 1982), p. 147. A informação fornecida não se reveste de importância, pois o A. deve ter feito o seu trabalho com base nas publicações de F. Nunes Ribeiro, hoje incompletas. Confrontadas com o material de Represas, verificámos serem legíveis 80 marcas e não 56 e apenas duas poderão provir de Montans.

(6) F. MAYET comunicou-nos haver em S. Cucufate uma marca de um oleiro de Montans.

(7) Th. MARTIN, «Les ateliers du sud de la France. Groupe de Montans», in *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: Implantations, Relations* (sous la direction de C. BEMONT et J.-P. JACOB), in *DAF* 6, Paris, 1986 (= *DAF* 6), p. 6.

(8) *Id.*, p. 59.

(9) *Id.* p. 8.

e hispânicas de Andújar⁽¹⁰⁾. A dificuldade em distinguir estas produções é tanto maior quanto, na maioria dos casos, se encontram apenas pequenos fragmentos quase sempre sem marca ou com uma marca de oleiro que trabalhou em La Graufesenque e Montans.

Face a isto, não nos é difícil admitir que outros sítios arqueológicos possam ter, entre o seu espólio, *sigillata* de Montans.

A identificação de *sigillata* montañesa na *villa* romana do Monte da Cegonha foi feita a partir de fragmentos de pasta com a textura de La Graufesenque, mas de cor ocre claro e verniz vermelho opaco mais próximo do das produções de Montans.

A visita que fizemos aos *ateliers* de Montans e La Graufesenque confirmou a proveniência das nossas cerâmicas: entre os vários tipos de pastas de Montans havia aquele em que podíamos filiar os nossos fragmentos; além do mais, entre eles havia um fundo de taça DRAG. 29 com marca incompleta atribuída ao oleiro *Repentinus* (fig. 2) que Th. Martin, responsável pelos *ateliers* de Montans, diz tratar-se de um oleiro que apenas aí trabalhou no período de Cláudio-Nero. A marca *in tabula ansata* confirma ainda esta proveniência, já que se trata de uma forma de estampilha praticamente desconhecida em La Graufesenque.

A presença destas produções no Centro e no Sul de Portugal, em Conimbriga e na região de Beja, respectivamente, coloca-nos algumas interrogações cuja resposta não se apresenta fácil.

Desde há muito se conhece a importância das exportações de cerâmica do Sul da Gália para a Península Ibérica, sobretudo porque delas se encontram vestígios em praticamente todos os sítios arqueológicos romanos, mesmo os mais «perdidos» e/ou pouco romanizados (fig. 3). Contudo, em termos quantitativos, a posição de Montans nestas exportações é quase insignificante se comparada com a de La Graufesenque.

Das publicações mais importantes, Belo não fornece nenhum exemplar proveniente de Montans ("), Mérida tem identificadas

(10) F. MAY ET, *Les Céramiques Sigillées Hispaniques (Contribution à l'Histoire Économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain)*. (Publications du Centre Pierre Paris, 12), Paris, 1984, p. 41: Le centre de production de Andújar.

(ⁿ) P. SILLIÈRES, «Belo, important marché espagnol de la céramique de la Graufesenque», in *Caesarodunum (Colloque sur la Géographie Commerciale de la Gaule)*, 2, p. 436-437.

apenas duas marcas ⁽¹²⁾, Tarragona e Ampurias têm um pequeno lote de vasos montañeses ⁽¹³⁾ entre a enorme quantidade de cerâmica de La Graufesenque. Só Pamplona parece ter um importante e significativo número de cerâmicas dos *ateliers* do Tarn⁽¹⁴⁾.

Se a presença destas cerâmicas em Pamplona se justifica pelo facto de a cidade se incluir na área tradicional da sua difusão, para os achados na parte mais ocidental da Península não encontramos por ora explicação satisfatória.

Sabemos que a difusão das cerâmicas de Montans se fazia sobretudo por via terrestre (para a Península Ibérica, a via utilizada seria provavelmente a via *Hispania-Aquitania*), embora se utilizasse também a via marítima a partir de «armazéns» situados na costa atlântica francesa; isto, porém, não permite determinar que via se utilizou para fazer chegar os produtos até à Lusitânia.

A investigação que fizemos tendente a verificar a presença destas produções no Noroeste peninsular atlântico não forneceu nenhum achado, pelo que se torna impossível ver nessa zona a rota de difusão.

Admitimos, ainda que hipoteticamente, que os vasos da Lusitânia aqui tenham chegado de forma mais ou menos casual. O comércio marítimo entre a Lusitânia e a Gália do Sul era mais ou menos frequente. As embarcações navegavam com mais segurança quando carregadas, pelo que facilmente se compreende que após descarga dos produtos destinados ao mercado gaulês, os *negotiatores* carregassem os navios com produtos disponíveis nos portos, quaisquer que eles fossem, isto é, sem olharem à sua proveniência. Se a carga aumentava a segurança da viagem de retorno, era, por outro lado, vendável; qualquer que fosse o valor comercial dos produtos carregados, tirava-se sempre algum lucro da sua venda.

⁽¹²⁾ F. MAYET, «Les importations de sigillées à Merida au I^{er} siècle de notre ère», in *Conimbriga*, XVII, 1978, p. 79-100.

⁽¹³⁾ A. BALIL, «Economía de la Hispania Romana», in *Estudios de Economía Antigua de la Península Ibérica*, Barcelona, 1968, p. 356-361.

⁽¹⁴⁾ M. A. MESQUIRIZ DE CATALAN, *La excavación estratigráfica de Pompado*, Pamplona, 1958, p. 98-104.



FIG. 1 Mapa de distribuição da sigillata de Montans, segundo Th. Martin (DAF. 6, p. 79. Achados em Portugal.

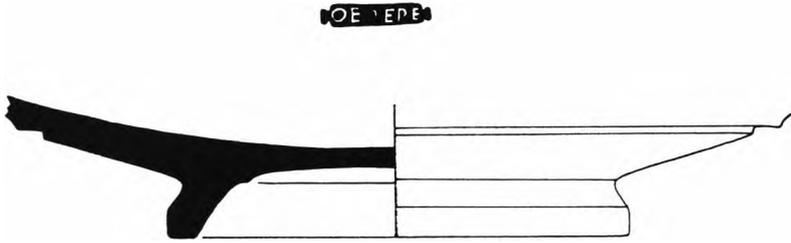


FIG. 2 Drag. 29 proveniente de Montans da oficina de Repentinus, encontrada no Monte da Cegonha — Seimes, Vidigueira.

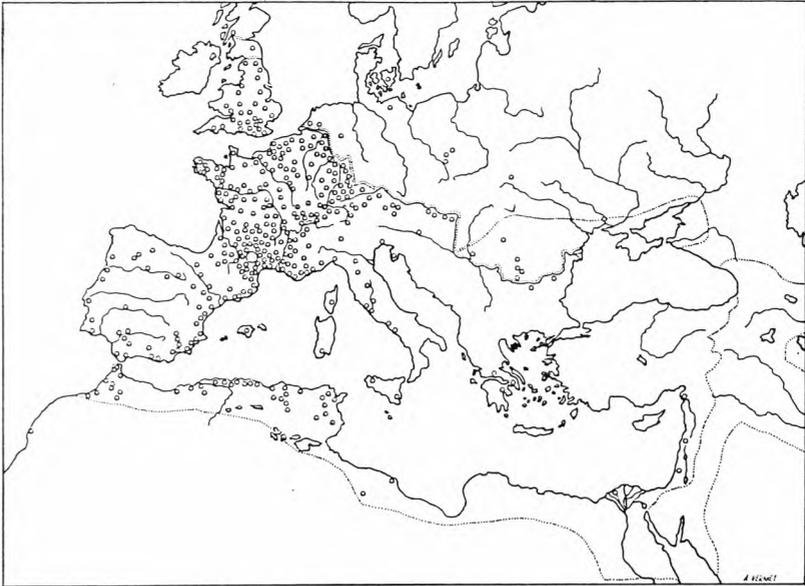


FIG. 3 Mapa de distribuição da sigillata de La Graufesenque, segundo A. VERNHET.